

Concurso de
Causos e Fotos



Memória da
Justiça Eleitoral
de Minas Gerais



TRE-MG

Apresentação

As realidades que vivemos na Justiça Eleitoral são únicas e nos rendem, por vezes, situações especiais que acabam se tornando inesquecíveis. Afinal, lidar diretamente com eleições e com eleitores não parece ser tarefa das mais fáceis. É preciso ter o tal do “jogo de cintura” e aprender a lidar mais com as próprias emoções para poder atender às necessidades das pessoas.

A Justiça Eleitoral é uma instituição especial do Poder Judiciário, estabelecida para o cumprimento das normas eleitorais, mas é também um canal de cidadania por onde passam realidades sociais, econômicas e políticas. Por isso, a Justiça Eleitoral é feita de tudo isso, mas, em especial, feita de gente e para muita gente.

Ao convidar os colegas da Justiça Eleitoral a participarem deste “Concurso de ‘causos’ e fotografias 2025”, convite que também alcançou todos os demais públicos que compõem essa grande engrenagem geradora de cidadania, como magistrados, promotores, colaboradores terceirizados e ainda mesários e eleitores, nosso objetivo foi o de proporcionar espaços para o registro – em texto ou imagem – desses momentos marcantes, inesquecíveis, que vivemos diariamente a partir de nossas atividades e em nossos ambientes de trabalho, porque é mesmo através desses momentos únicos que vamos marcando a identidade cidadã da nossa Justiça Eleitoral, uma instituição que vem sendo construída por milhares de mãos, ao longo de 80 anos, desde sua reinstalação, em junho de 1945.

Nosso trabalho, como Seção de Memória Eleitoral é coletar, preservar e divulgar o rico acervo documental, tridimensional (objetos, mobiliário) e imaterial da Justiça Eleitoral, e é com muito carinho e respeito que organizamos aqui os ‘causos’ e fotografias que participaram deste concurso. Afinal, os momentos registrados, sejam em texto quanto em imagens, são histórias que, deixando de ser apenas impressões pessoais, passarão a integrar para sempre a Memória de toda a Justiça Eleitoral de Minas Gerais.

Parabéns a vocês que, aceitando o convite da SMEMO, contribuíram para mais um lindo capítulo dessa história, que é de todos nós!

*Belo Horizonte, 30 de outubro de 2025.
Seção de Memória Eleitoral
Coordenadoria de Gestão da Informação*

A instituição e suas memórias

Celebramos neste ano os 80 anos da Reinstalação da Justiça Eleitoral no Brasil e, em especial, em Minas Gerais, tempo propício para rememorarmos os muitos fatos que envolveram aquele 14 de junho de 1945, quando, em uma antiga residência no Bairro de Lourdes, o Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais voltou a se reunir e a retomar sua missão institucional de organizar e realizar eleições no vasto território mineiro.

É com esse espírito – o de retornarmos às boas lembranças; aos momentos que, de algum modo, nos marcaram – que a Seção de Memória Eleitoral realizou o “Concurso de ‘causos’ e fotografias 2025”, buscando, a partir das histórias e imagens produzidas por seus servidores, valorizar a memória da Justiça Eleitoral mineira.

Quando falamos de uma instituição, falamos, na realidade, das pessoas que fazem parte de sua estrutura e que contribuem diariamente, não apenas para o seu funcionamento, mas para a construção e afirmação de sua própria identidade, no tempo e no espaço. E é por isso que a memória institucional se torna um importante instrumento estratégico, dada a capacidade de ligar a instituição a seus públicos com os laços da confiança e do respeito – atributos fundamentais na construção de uma sociedade.

Que nos próximos anos possamos ter muitos mais ‘causos’ e mais fotografias – impressões individuais de um trabalho que se faz coletivamente – para que muitos, no futuro, possam conhecer, não apenas a estrutura institucional da Justiça Eleitoral, mas como ela é constituída por dentro, a partir do coração e das mentes das pessoas a ela ligadas.

*Belo Horizonte, 30 de outubro de 2025.
Juíza Cristiana Martins Gualberto Ribeiro
Presidente da Comissão de Gestão da Memória do Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais*

Índice das fotos

Sorrisos da cidadania -----	06
A Rainha da Festa -----	07
Exemplo centenário de cidadania -----	08
Entre grades e liberdades -----	09
A importância da acessibilidade nas eleições - Contexto eleições 2024 -----	09
As eleições são a antessala da democracia -----	10
Eleitoral mais perto de você -----	10
Comissão julgadora - fotos -----	11

Índice dos causos

Cê mexe com quê? -----	13
O Homem que Engoliu o Título -----	14
A magia de viver numa Zona -----	15
O Rádio Perdido, a Eleição e o Reencontro -----	16
Não é “toute”, mas é joia -----	17
A minha alma saiu do meu corpo -----	18
A loira do banheiro do cartório eleitoral -----	19
O fio da minha vida -----	20
Golaço da Democracia -----	21
O salto do herói para o anonimato -----	22
Renata, bonito nome! -----	23
Vestindo a camisa -----	24
Olha nós aqui outra vez... -----	25
Memórias do Referendo 2005 -----	26
O “RAE” sujou? -----	27
Causos cômicos -----	28
Pra quem você tiraria o chapéu? -----	29
Nos Bastidores da Fumaça -----	30
Comissão julgadora - causos -----	31

Fotos

1º Lugar:

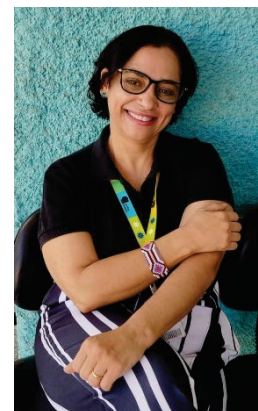
“Sorrisos da cidadania”

A imagem retrata um grupo de jovens indígenas sorrindo em torno de uma urna eletrônica. Em seus rostos podemos ver a alegria e o orgulho de quem reconhece sua ancestralidade e seu papel no exercício da cidadania e a urna eletrônica, símbolo da nossa democracia, torna-se uma ponte entre tradições e tecnologia e representa a esperança de dias melhores, inclusão, escuta e efetivação de direitos.



“Sou técnica judiciária, ingressei no TRE em 1996 e desde então trabalho na 04ª ZE de Águas Formosas, minha terra natal. Hoje, além da rotina no cartório eleitoral, participo de ações de cidadania que aproximam a Justiça Eleitoral da sociedade, como o projeto Cidadania Indígena do TRE-MG e o projeto Democracia, Cidadania e Justiça ao povo Maxakali, fruto de parceria entre a Justiça Eleitoral e outros órgãos públicos. Ao participar dessas iniciativas, sinto que estou contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva e reafirmando meu compromisso com o fortalecimento da democracia.”

Luciana Kangussu Alencar Cordeiro
04ª ZE de Águas Formosas



2º Lugar:

“A Rainha da Festa”

Era dia 26 de setembro de 2024 e toda a equipe do Cartório Eleitoral, Juiz, Promotor, OAB, Candidatos, estavam reunidos para acompanhar a cerimônia de preparação das urnas eletrônicas para as Eleições 2024. A imprensa também estava presente e os repórteres, curiosos, com tamanha organização logística, transmitiam ao vivo pelas redes sociais a inserção dos dados em cada urna eletrônica, possibilitando a qualquer cidadão acompanhar em tempo real o procedimento e os testes que se seguiam, para mais uma vez, com toda excelência que é peculiar à Justiça Eleitoral, possibilitar ao eleitor exercer seu papel frente a frente com Vossa Majestade no dia da eleição, a Rainha da Festa da Democracia, a Urna Eletrônica.



"Sou técnico judiciário do TRE-MG desde 2006, exercendo a função de Chefe de Cartório da 72ª Zona Eleitoral, em Caratinga. Minha ligação com a Justiça Eleitoral, porém, começou em 1994, quando atuei na 212ª ZE de Peçanha como Auxiliar e Chefe de Cartório, experiência que me inspirou ao concurso público. Participei de momentos relevantes para a instituição, como a implantação do voto eletrônico em 100% dos municípios no ano de 2000, o cadastramento biométrico obrigatório de mais de 100 mil eleitores em 2019/2020, a coordenação de diplomações municipais e projetos de cidadania, como o "Cidadão Consciente", realizado em 2018. Atuei como tutor da Escola Judiciária Eleitoral."

Arilson Oliveira de Carvalho
Cartório da 72ª ZE de Caratinga



3º Lugar:

“Exemplo centenário de cidadania”

A foto foi tirada em 24 de abril de 2016, logo quando iniciado o cadastramento biométrico dos eleitores em Belo Horizonte. Naquela oportunidade, a Sra. Alaíde compareceu à Central de Atendimento já nos primeiros meses do recadastramento ainda voluntário só para fazer a coleta da sua biometria e trouxe consigo seus 4 filhos. Dona Alaíde contava à época com 104 anos, enquanto que a idade dos seus filhos variava entre 60 e 90 anos. Exemplo de exercício da cidadania, a senhora Alaíde toda vida votou, sem nunca ter justificado, tendo sido sua inscrição cancelada por falecimento em 2022, quando estava com 110 anos.

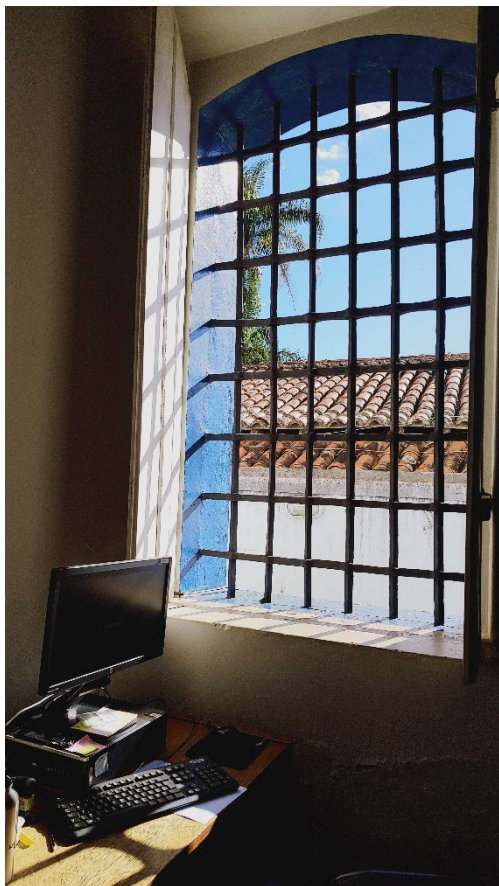


"Ingressei no TRE-MG em 2006, na 31ª Zona Eleitoral. Durante quase duas décadas, acompanhei de perto a dinâmica da Justiça Eleitoral, participando ativamente da organização e da execução de eleições, sempre em contato direto com os eleitores e com as múltiplas demandas do processo democrático. O trabalho no Cartório Eleitoral foi marcado pelo compromisso com a eficiência administrativa e pela busca constante de um atendimento humano e acessível. Em 2025, passei a integrar a equipe da Corregedoria do TRE-MG. Nesse novo espaço institucional, levo comigo toda a experiência prática do cartório, agora voltada ao aperfeiçoamento dos serviços da Justiça Eleitoral e ao fortalecimento da confiança pública na integridade do processo democrático."



Thiago Duarte Coelho

Seção de Inspeções e Correções/CZE/SCRE



“Entre grades e liberdades”

Esta foto representa o nosso dia a dia de trabalho servindo ao TRE-MG e principalmente o eleitor. As instalações da nossa Zona Eleitoral funcionam já faz um bom tempo no antigo fórum, onde também já foi a antiga cadeia pública da cidade.

A foto revela um ambiente de serviço em que a janela é permeada por GRADES antigas (de ferro e quadradas), e nós trabalhamos entre essas grades e os eleitores que chegam para serem bem recebidos, atendidos com qualidade e respeitados quanto aos seus direitos e suas LIBERDADES.

Daí a escola do título!

“Sou Luciana Araujo Costa. Nasci, cresci e vivo no Serro. A minha trajetória pelo TRE teve início em 2017, quando fui requisitada da Prefeitura Municipal de Serro. Cheguei logo para ajudar numa eleição extemporânea de uma cidade pertencente à 262ª ZE. Experiência bem marcante. Fiquei como requisitada até início de 2023. Retornei em março de 2024 e tive muita satisfação em participar do Concurso de Causos e Fotografias 2025.”



Luciana Araujo Costa
Cartório da 262ª ZE de Serro



“A importância da acessibilidade nas eleições - Contexto eleições 2024”

Trata-se de registro histórico efetuado no Colégio São Rafael, situado em Belo Horizonte-MG, no qual o eleitor, acompanhado de seu cão-guia, compareceu na seção eleitoral e, escolheu democraticamente os seus candidatos(as) a Prefeito, a Vereador e, também, participou do referendo realizado em 2024, para a escolha da bandeira do aludido Município.

Tomei posse em 1995, como analista judiciário e, fui designado para a 31ª Zona Eleitoral. Depois trabalhei na Corregedoria Regional Eleitoral, na Secretaria Judiciária, na Assessoria Jurídica da Presidência e, participei nas eleições de diversas forças-tarefas destinadas aos gabinetes de Juízes-Membros, à propaganda eleitoral, ao registro de candidaturas, à prestação de contas e Biometria. Trabalhei também na Coordenadoria de Responsabilidade Social e atualmente estou lotado na Auditoria do TRE-MG.”

Fernando Azevedo Fontenelle
Auditoria do TRE-MG





“As eleições são a antessala da democracia”

Foto tirada na Presidência do Tribunal Regional Eleitoral, no dia das eleições.

“Meu nome é Luisa de Andrade Figueiredo, tenho 21 anos e sou estudante de Publicidade e Propaganda na PUC Minas. Entrei no tribunal em julho 2024, onde tenho estagiado na SGWEB, auxiliando com redes sociais e outras demandas da comunicação.”



Luisa de Andrade Figueiredo
Estagiária da SGWEB



“Eleitoral mais perto de você”

Visita a uma comunidade em área rural com uma extensão territorial muito abrangente para criação de local de votação, no interior de Conselheiro Pena, em 21/06/2017. Por existir muitas residências espaçadas e distantes uma da outra, muitas vezes o deslocamento de alguns eleitores se tornava um tanto quanto difícil, principalmente para pessoas idosas.

Iniciei a trajetória no TRE-MG em janeiro de 2012, na Zona Eleitoral de Resplendor. Por lá fiquei todo aquele ano. Porém, no início de 2013 fui removida para Conselheiro Pena, onde cheguei a exercer a função de Chefe de Cartório. No final de 2018, deixei aquela ZE e comecei nova jornada na Zona 119, em Governador Valadares, a partir de janeiro de 2019. Sou muito realizada por ser servidora da Justiça Eleitoral e estou muito satisfeita no local onde trabalho atualmente.

Eliana Alves da Silva Sarmento
Cartório da 119ª ZE de Governador Valadares



Comissão julgadora - fotos



Marcella Lima (coordenadora) é mineira, bacharel em Direito pela Universidade Federal de Viçosa, residente em Belo Horizonte/MG, onde exerce o cargo de Analista Judiciária no TRE-MG. Especialista em Direito Público e em Direito Eleitoral. Lotada na Seção de Biblioteca e Padronização, onde atua no assessoramento normativo. Autora e idealizadora do Manual de Padronização de Atos Normativos do TRE-MG. Fotógrafa amadora. Escritora do livro "Itororó: Quem tem medo de mudanças?". Fundadora da marca "Sentir - Cera Natural". Mãe da Cloe. Traz consigo uma bagagem de vivências inspiradas pelas artes.



Fernando Luís Quintino Carneiro, graduado em Design Gráfico e Licenciatura em Desenho e Plástica pela FUMA – Fundação Mineira de Arte, hoje UEMG. Pós-graduado em Administração e Marketing pela FJP. Reside em Belo Horizonte. Técnico Judiciário no TRE-MG, na SAGRA – Seção de Artes Gráficas, desde 2006. Trajetória de Designer Gráfico no mercado desde sempre. Atividades paralelas: Desenho, pintura, escultura, marcenaria e alguns poemas.



Mariana Ribeiro Cançado é bacharel em Direito pela Faculdade Milton Campos. Natural de Belo Horizonte/MG, é servidora pública do TRE-MG desde 2005. Em seus 20 anos de Tribunal, passou por diversos setores e atualmente está lotada na Assessoria Jurídica da Presidência (AJPRE). É fotógrafa amadora e apreciadora de uma boa captura de imagem. Participou de workshops de fotografia e é criadora e administradora de um perfil de fotos no Instagram intitulado @clickandobh.



Moacir Ricoy Pena é Analista de Políticas Públicas da Prefeitura de Belo Horizonte desde 1998, pós-graduado em Políticas Públicas, pelo Departamento de Ciências Políticas /UFMG (2005), Sociólogo pela UFMG (1993). Possui longa experiência com arquivos audiovisuais históricos sobre a história de Belo Horizonte. Trabalhou no Museu Histórico Abílio Barreto e atualmente é responsável pelo setor de pesquisa do Museu da imagem e do Som, sendo também o responsável pelo Canal da instituição no YouTube.



Allan Rodrigues é servidor da Justiça Eleitoral desde 2006. Fotógrafo amador especializado em paisagens naturais; Criador e gestor da página @cruzandorotas no Instagram, dedicada à divulgação de trabalhos autorais e incentivo à comunidade fotográfica. Premiado em diversos concursos de fotografia, com reconhecimento pela qualidade técnica, criatividade e sensibilidade artística. Primeiro lugar no Primeiro Concurso de Fotografias do Centro de Memória da Justiça Eleitoral de Minas Gerais, sob o tema "Memória e Cultura – meu olhar sobre o cotidiano", realizado em 2019.

Causos

“Cê mexe com quê?”

Não sou natural de Minas Gerais. Cheguei em razão do trabalho e cá estou há uns bons anos. Contarei, hoje, um caso acontecido justo no meu primeiro dia de trabalho. Fechamento de cadastro – 07 de maio de 2008.

Pouco pude ajudar naquele dia: muito tumulto, filas, inexperiência. Mas tinha também a energia do trabalho novo, proatividade, vontade de pertencer...

Durante o intervalo, para o lanche super corrido dos colegas, deixaram que eu atendesse uns dois ou três eleitores, no ELO.

Sentou-se, então, o Sr. José, com vários papéis e documentos nas mãos, e perguntou:

- Que que gasta pra fazer transferência de título?

E eu respondi: - Não gasta nada, não.

Ele insistiu: - Mas o que que gasta?

- É de graça, Sr. José.

- Sim. Mas gasta o quê?

- Não gasta. Todo serviço da Justiça Eleitoral é gratuito.

- Eu sei. Mas o que que gasta pra transferir?

- Não tem que pagar, Sr. José.

Houve uma pausa desconfortável.

Ele tirou o chapéu. Respirou fundo, contrariado. Encostou todos os papéis na mesa e falou pausadamente:

- Eu já en-ten-di, mas eu pre-ci-so sa-ber O QUE QUE GASTA!

Não dava para dizer qual de nós dois estava mais nervoso. Essa é a verdade. Eu já estava tremendo, suando... Não sabia mais sinônimos para fazer o Sr. José entender que não precisaria pagar dinheiro pela

transferência do título. Nem multa ele tinha! Era meu primeiro dia. Como ia perder a paciência com aquele senhorzinho tão humilde?

Resolvi olhar em volta. Os colegas já tinham terminado o lanche e um ar de sorrisos nos cercava.

Uma voz vinda do guichê ao lado quebrou o silêncio:

- Ô, carioca! O que gasta pra mexer no título? Gasta RG, CPF, comprovante de residência...

Aí o Sr. José perguntou aliviado:

- Gasta xerox, moça?

- Gasta, Sr. José. Gasta sim.

Nessa época, gastava xerox também.

E o cartório inteiro rachou os bicos. Rachou os bicos!? Eu também soltei uma gostosa risada. Ufa!

Até o final daquele dia, que foi longo, aprendi o uso mineiro de outros verbos também. E, com o passar dos anos, muitos e muitos outros: gastar, rachar, montar, mexer...

Aliás, você aí, que não é mineiro e chegou agora, não passe vergonha quando te perguntarem:

- Cê mexe [1] com quê?

Disfarce esse sorrisinho sapeca, estufe o peito e responde:

- Sou servidor do Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais.

Se quiser mostrar costume, pode emendar:

- E ainda sou bom de mexida [2]! Trabalho sempre com compromisso, cordialidade e bom humor, uai.

[1] trabalha - trabalhar - V. int.

[2] lida - lidar - V. int.

1º lugar:



"Sou analista judiciário do TRE-MG, formada em Direito pela PUC-Rio, esposa do Bruno, mãe do Miro, carioca nata e mineira naturalizada, servindo (com amor) ao público do interior de Minas Gerais há quase 18 anos, nas cidades de Caratinga, Carangola, Mar de Espanha, Serro e Lambari.

Será que me aposento aqui? Não sei. Sei que por onde meu coração andar, ficarão "causos" para contar."

Luciana Martins da Fonseca
Cartório da 159ª ZE de Lambari

“O Homem que Engoliu o Título”

Era uma tarde morna das eleições de 2012 em Conselheiro Lafaiete. Já passava do almoço, os problemas iam diminuindo e pairava aquela sensação de que tudo daria certo, mesmo quando sabemos que tudo pode acontecer até as 17h. O telefone tocou. Do outro lado, a voz nervosa de um presidente de mesa:

— Tem um eleitor aqui que não aceita de jeito nenhum que não pode votar só com o título.

Suspirei. Já havíamos resolvido urna travada, boca de urna disfarçada de conversa entre amigos em porta de escola, mesário ausente. Mas um eleitor revoltado por causa de documento? Isso, normalmente, o presidente da seção resolvia. Ainda assim, ele insistiu:

— Ele quer falar com alguém do Cartório. Disse que só acredita vendo.

Já conhecia o lugar. Tinha estado lá mais cedo com um técnico, trocando uma urna que insistia em travar no meio da votação. Levei o mesmo técnico, por desengargo e companhia. Em eleição, nunca se sabe se vamos precisar reiniciar uma máquina ou, quiçá, chamar o SAMU. Chegamos. Corredores movimentados, gente indo e vindo, um calor abafado de democracia em processo. Logo vi o tumulto no fim do corredor. No centro, o eleitor: baixo, agitado, rosto vermelho. Tinha nas mãos o título eleitoral — aquele verdinho desbotado, com as bordas já surradas e marcas de códigos de barra dos canhotos do caderno de votação — e falava alto, como quem prega para uma plateia invisível.

— Tô com meu título! Quero votar! E vou!

Expliquei, com calma, com técnica, com a voz baixa — que é como se deve falar com quem grita demais: o título não tem foto, era preciso apresentar documento com identidade. Ele escutava, mas com aquele olhar de quem já decidiu que só ele está certo.

— Então, se eu tiver identidade e não tiver o título, eu voto? — perguntou.

— Vota, sim. O título ajuda, mas não é obrigatório — respondi, conforme o manual.

Foi o erro. Ele olhou o título nas mãos. Aquele que guardava com comprovantes desde o século passado. O que não plastificou porque "não se plastifica documento". O título que levou a tantas votações, de vereador a presidente, e que nunca falhou. E agora, ali, diante de mim, ele fazia a pergunta que soava como sentença:

— Então pra que serve isso?

Tentei argumentar. Tarde demais. Rasgou o título em pedaços. A cada rasgada, um palavrão. Contra mim, contra o mesário, contra o sistema. E então, com um gesto súbito:

— Vou engolir isso aqui.

Todos riram. Menos eu. Mas ele estava falando sério. Com fúria meticulosa, colocou os pedaços na boca. Um, dois, três. Todos. Sem molho. Sem água. Sem hesitação. Silêncio. O técnico ao meu lado soltou um “ué”.

— Pronto. Agora isso serve pra alguma coisa — falou o eleitor, olhos marejados, meio sorriso.

Talvez tenha percebido a bobagem, mas vá lá. Ficamos quietos. O mesário anotou qualquer coisa só pra encerrar o momento. Alguém ofereceu água. O eleitor, agora calmo, foi embora. Sem título, sem identidade, mas com a sensação de ter feito justiça com o próprio estômago. Sugeri ao presidente da mesa que registrasse em ata: “Eleitor não apresentou documento com foto. Votação não realizada. Título destruído pelo próprio.” (E, para mim mesmo: engolido, literalmente.) Treze anos depois, temo pelo E-título sem foto. E, desde então, quando me perguntam se o título é importante, mesmo sabendo que sim, penso duas vezes. Nunca se sabe quem está disposto a digerir a democracia.

2º lugar:



"Sou técnico judiciário, tomei posse no TRE-MG em 2006, na 148ª ZE de Januária, onde fui muito bem recebido pela equipe e guardo lembranças do início da minha trajetória. Nesse mesmo ano, consegui uma permuta para BH, no gabinete da SOF, no qual fui bem acolhido e tive a chance de aprender muito, o que contribuiu muito para o meu crescimento. Em 2007, realizei o grande objetivo de voltar para perto da minha família, vindo para a 87ª ZE de Conselheiro Lafaiete, cidade vizinha de Ouro Branco, onde moro até hoje e valorizo muito, pois me permite conciliar a vida profissional com a familiar. E posso dizer que tenho muito orgulho e gratidão por fazer parte da equipe da 87ª ZE, do TRE, e da Justiça Eleitoral."

Lawrence Pereira dos Santos
Cartório da 87ª ZE de Conselheiro Lafaiete

“A magia de viver numa Zona”

Ao longo de minha jornada na Justiça Eleitoral, não consigo desassociar minha vida, como um todo, do cotidiano da zona. Cotidiano esse com todas as suas vicissitudes, regadas, por vezes, ao stress, às frustrações, e que, nós, com nossa mineirice de ser, logo depositamos uma boa dose de bom humor e alegria e vemos surgir os melhores e maiores “causos” eleitorais que podemos vivenciar, contar, ouvir e aprender. Assim, coloquei como propósito na aposentadoria, a reunião de todas essas histórias e confecção de um livro e dividirei, de antemão, uma destas pérolas, que espero aguçar a curiosidade de todas e todos em relação às demais.

Nosso caso ocorre no período eleitoral de uma eleição federal, há anos atrás, às vésperas do primeiro turno. Estávamos nos dias de entregar material dos mesários e fazíamos primeiro a zona rural, pois possuímos diversas seções com estas características.

Um presidente de seção, retireiro, que não usufruía de nenhum dia de folga, pois trabalhava por conta própria, mas que não abdicava de exercer a função, pois o fazia com imenso orgulho, solicitou que seu material fosse entregue no sítio dos pais, pois este era mais próximo da seção onde iria trabalhar. Assim, fomos nós, eu e o motorista da prefeitura.

Chegando no sítio, fomos recebidos com enorme satisfação pelos idosos, pais do presidente da seção. Fomos convidados a entrar, ganhamos vários minutos de prosa de ótima qualidade, ouvimos as histórias por eles contadas, fomos servido café, broa, goiabada, ganhamos sacola com hortaliças e frutas, mesmo falando que não era necessário. Partimos com a sensação boa de dever cumprido além da nossa missão institucional, mas também da nossa missão como ser humano.

Passado o primeiro turno, na semana do segundo turno, estávamos nós novamente, no mesmo local, para fazermos

a entrega do material que seria usado naquele turno. Fomos recebidos com a mesma satisfação e alegria pelo casal de idosos. Entramos, proseamos, tomamos café com broa, mas percebi que eles estavam meio encabulados desta vez, como se quisessem nos contar algo. Então, durante a despedida falei:

- Foi um prazer estar de novo com os senhores, desculpa se fizemos algo que não agradou. E se quiserem falar qualquer coisa não precisam ficar envergonhados, vamos ouvir sem nenhum problema.

Foi aí que a esposa olhou pro marido e disse:

- Fala meu “véio”, ela falou que não vai brigar.

O marido encheu-se de coragem e começou a falar:

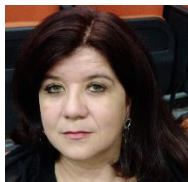
- Sabe o que é, no dia que a senhora veio aqui da primeira vez, nasceu uma bezerrinha aqui no sítio, e como a gente tinha simpatizado tanto com a senhora, achou que seria uma boa ideia dar o nome da senhora pra bezerra. Ela está uma lindeza, forte que só, mama sem parar!

Naquele momento fiquei sem saber o que falar, não sabia se ria ou se chorava. Olhei pro casal, com a singeleza daquela homenagem e só vinha a minha mente a empatia que tiveram comigo, o que fez gravar nas suas mentes a lembrança do meu nome. Dei um sorriso largo e exclamei:

- Meu Deus, que homenagem mais linda! E mais feliz estou de saber que a bezerra está forte como vocês falaram! Muito obrigada! Nunca recebi uma homenagem tão carinhosa. Voltarei pra ver quando ela já tiver virado vaca.

Os olhos deles brilharam de felicidade e o meu também, pasmem, por ter virado “xará” de uma bezerra. Tal caso me traz boas lembranças, através de boas gargalhadas, mas também de coração quente, por tanto afeto demonstrado.

3º lugar:



"Entre no TRE em 1996, sou técnica judiciária e chefe de cartório, lotada na 007ª Zona - Além Paraíba. Coordenei o ônibus de biometria do TRE em algumas cidades mineiras, bem como já coordenei a biometria revisional em algumas zonas. Apresentei o Projeto " Mesário do Amanhã", presencialmente, no 1º Fórum nacional de chefes de Cartório em 2015 no TSE e em 2021, no 2º Fórum Nacional dos Chefes de Cartório, virtualmente, apresentei o "Mesário do Amanhã c/c Gestor do Futuro". Sou

formada em Direito e especialista em Direito Eleitoral e Processual Eleitoral, curso de Formação de Formadores pela ENFAM, formadora e conteudista do TRE-MG, participei do Grupo de pesquisa do EJE-TRE-MG. Sou membro do grupo de conciliadores da SGP e da COAAD1. Sou membro da ABRADep- Academia Brasileira de Direito Eleitoral e Político."

Carla Oliveira Cassaro de Souza Farage
Cartório da 07ª ZE de Além Paraíba

“O Rádio Perdido, a Eleição e o Reencontro”

Seu Amaro era um homem de hábitos simples. Aposentado, gostava de passar as tardes ouvindo seu rádio de pilha, sintonizado nas notícias locais e nos programas de música sertaneja. Certo dia, foi ao Cartório Eleitoral para fazer “sua biometria” e regularizar a sua situação como eleitor. No entanto, na saída, distraído com as conversas que tivera ali, esqueceu seu rádio novinho sobre o balcão.

Os funcionários do cartório tentaram de tudo para encontrá-lo.

Ligaram para números registrados, mandaram recados por conhecidos, mas

Seu Amaro não era homem de telefone. Meses se passaram, e o rádio permaneceu guardado, silencioso, esperando pelo dono.

Chegado o dia da eleição, um dos funcionários do cartório teve uma ideia: deixar um recado na seção eleitoral de Seu Amaro, pedindo que passasse no cartório. Era uma última tentativa. Quando ele apareceu para votar e o mesário transmitiu-lhe o recado, arregalou os olhos, curioso.

— Que será que querem comigo? — murmurou, coçando a cabeça.

Cumprindo a orientação, dirigiu-se ao cartório. Quando entrou, a funcionária sorriu e, sem dizer nada, puxou da gaveta o rádio esquecido.

— Seu Amaro, acho que estamos com algo que lhe pertence.

Ele pegou o rádio, incrédulo. Passou a mão sobre o aparelho, como se reencontrasse um velho amigo. Ligou-o de imediato, e o som chiado encheu o ambiente antes de encontrar uma estação familiar. Com um brilho nos olhos, ele agradeceu:

— Achei que nunca ia ouvir minhas modas de viola nesse radinho...

Saiu dali com o coração leve, levando não apenas seu rádio, mas também a certeza de que o mundo ainda guardava gestos de bondade e cuidado.



"Sou técnico judiciário do TRE-MG desde 2010, atuando na 189ª Zona Eleitoral de Muzambinho desde então."

Argibe Pio dos Santos Júnior
Cartório da 189ª ZE de Muzambinho

“Não é “toute”, mas é joia”

Mineiro gosta de contar “causo”. Assim, para não perder o costume, ouçam este causo verídico. Aliás, leiam.

O ano é 2018, eleições gerais, primeiro turno, muitos cargos disputados pelos inúmeros candidatos. Tudo seria novidade para o magistrado e para o representante do Ministério Público eleitoral. Na véspera, o juiz e o promotor combinaram que iriam rodar por alguns locais de votação. No acordo entre as autoridades foi inserida uma cláusula: o chefe de cartório deveria acompanhar a odisseia. Nessa hora, o pobre mortal, narrador deste causo, manifestou: “mas doutor, preciso ficar no cartório para alguma eventualidade”. “Vamos precisar de você”, foi a resposta do juiz eleitoral. “Sim, senhor! Tudo bem.” Respondi prontamente.

Saímos no início da manhã. Começamos por um município próximo da sede da Zona Eleitoral. O carro foi bem apertado com o motorista, juiz, promotor, um sargento da Polícia Militar e o narrador deste causo.

O desembarque aconteceu na porta do único local de votação no centro do município e todos olhavam os homens de preto. Abri caminho entre os eleitores para as autoridades e, ao chegar no interior da escola, na primeira seção que visitaríamos, antes mesmo de fazermos as devidas apresentações, um brado ecoa pela sala: “Ainda bem que vocês chegaram!”. Pelo ar com que a presidente foi se aproximando, aliado à sensação de alívio em seu rosto, entendi perfeitamente a mensagem: “A bola está com vocês, ilustres senhores!”

O juiz eleitoral indagou o que estava acontecendo e a mesária apontou para a cabine de votação: “Aquele eleitora disse que a urna travou... que ela não consegue votar. Nosso terminal informa que ela está demorando para votar, mas parece que está tudo funcionando normalmente.”

No interior da cabine de votação, estava uma senhora na casa dos setenta anos, mais ou menos. Era preciso ver o que estava acontecendo por lá. O terminal do mesário informava que a eleitora estava votando. Por outro lado,

a eleitora dizia que a urna estava travada, que não conseguia digitar os números do seu candidato. Pelo olhar trocado entre o juiz e o promotor, entendi que eles não queriam ir à cabine de votação — local inviolável. Ao olharem para mim, entendi também que a “bola” estava comigo. Mas como resolver uma situação assim sem verificar, no interior da cabine de votação, o que estava acontecendo?

Nessa hora, com a tensão exponencialmente elevada, assumi o controle da situação e, naturalmente, sem demonstrar o nervosismo interior, perguntei:

— A senhora está com a colinha aí?

— Sim! Está aqui na minha mão! — respondeu.

— Muito bem! Está vendo uma tecla laranja aí?

— Sim, está bem aqui! — ela disse.

— Então, aperte a tecla laranja — eu falei, com calma — Agora, digite os números do seu candidato e aperte a tecla verde.

Eu não entendi o que estava acontecendo, mas estava com uma sensação de que estava indo bem. De repente, ouço:

— Ahhhhh!!! — ela bradou — É aqui que digita? — perguntou ela.

— Sim, é aí! — respondi, um pouco perplexo com a situação inesperada.

— Pensei que fosse touch screen!!! — ela desabafou, aliviada — A urna não é igual à máquina do banco?

Vi que o juiz e o promotor estavam olhando para mim e, nós três, sem qualquer palavra, dissemos com o olhar: “missão cumprida!”

Esse causo foi contado nos treinamentos de mesários das eleições posteriores e, agora, está sendo escrito e compartilhado aqui.



“Ingressei no TRE-MG em maio de 1995. Particpei das primeiras eleições com urna eletrônica em Minas Gerais nas cidades de Matipó (1995) e Virgínia (1996). Servi na Secretaria de Administração do TRE/MG de 1995 a janeiro de 2005. Sirvo na 247ªZE de Santa Maria do Suaçuí desde janeiro de 2005.”

Manoel Vitor de Sousa

Cartório da 247ªZE de Santa Maria do Suaçuí

“A minha alma saiu do meu corpo”

Aconteceu em tempos idos. Eu trabalhava no Cartório da 27ª Zona Eleitoral de Belo Horizonte, que funcionava, juntamente com a 39ª ZE, em uma loja na Avenida Cristiano Machado, no bairro Cidade Nova.

Mês de maio. Último dia do “Alistamento Eleitoral”. As filas de eleitores eram imensas. A fila da 27ª “subia” a avenida. A da 39ª “descia” em sentido contrário à da 27ª. Tudo muito organizado.

Eu e uma colega “cuidávamos” da fila da 27ª. Orientávamos as pessoas e conferíamos se todos portavam os documentos necessários. Na subida do quarteirão, quatro prédios depois da loja onde funcionavam os Cartórios, havia uma agência da Caixa Econômica Federal.

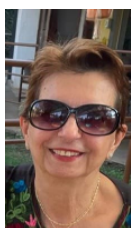
E no final daquela manhã, a fila da 27ª ultrapassava a instituição bancária.

De repente, eu e minha colega, e as pessoas da fila, escutamos um estrondo e algo parecido com rajadas de tiros. Parecido não, eram realmente tiros que vinham da Caixa Federal. E o estrondo ouvido era a porta de vidro da agência sendo estilhaçada.

Um tumulto se formou na avenida. Correria em todas as direções. Muitos se deitaram no chão. Gritos. Cena de filme de ação americano. A minha alma saiu do meu corpo, foi a primeira a correr. Meliantes, aproveitando-se da grande movimentação de pessoas na avenida e no entorno da agência, tentaram assaltar a instituição. Em fuga, trocaram tiros com os seguranças da Caixa, que saíram em perseguição aos bandidos, colocando em risco todos aqueles que estavam nas proximidades.

Para piorar ainda mais a situação, uma viatura da Polícia Militar, que passava do outro lado da avenida, percebeu a confusão. Os policiais saíram do veículo e começaram a perseguir os bandidos.

Eu e minha colega nos deitamos no chão e começamos a nos arrastar pela calçada, para sair do “olho do furacão”. Depois nos levantamos e correndo, seguindo a turba, fomos em direção aos Cartórios. “Foi sinistro”, como dizem os jovens, porque ninguém que se sente em situação de perigo tenta se salvar de “maneira educada”.



Entre para o TRE em abril de 1996, indo trabalhar na 27ª Zona Eleitoral de Belo Horizonte. Exerci minhas funções também na Corregedoria, na Administração Predial e na 331ª ZE de Belo Horizonte. Aposentei-me em março de 2019, depois de 42 anos de serviço público.”

Raquel de Moraes Lembi
Aposentada

Em debandada, entraram na 27ª e na 39ª quem corria porque sabia o que estava acontecendo e quem corria porque via os outros correndo.

Todos guiados pelo instinto de sobrevivência, inclusive eu e minha colega.

Dentro dos Cartórios ninguém entendia o que estava acontecendo, não presenciaram o tiroteio, só enxergavam, assustadíssimos, pessoas atemorizadas adentrando o local e querendo se proteger.

Aos poucos as coisas retornaram a seus lugares. As pessoas, servidores e eleitores, foram se recompondo. Todos os servidores, tanto da 27ª como da 39ª, apesar do enorme susto, procuraram acolher, da melhor maneira possível, aquelas pessoas atemorizadas. Sentíamos-nos responsáveis por elas. Felizmente, ninguém se feriu.

As chefias comunicaram o ocorrido à sede do Tribunal que mandou, prontamente, uma equipe de apoio com seguranças e alguns colegas para auxiliarem no que fosse preciso. A ajuda foi muito bem-vinda, porque as filas voltaram a se formar. Não deixamos de atender com presteza e eficiência a nenhum eleitor.

Recordo o empenho de todos os colegas, sem esquecer dos colaboradores da limpeza e da portaria, unidos no acolhimento àqueles eleitores assustados. Lembro-me, também, que, depois que tudo serenou, eu e a colega que me ajudava a “cuidar” da fila nos abraçamos em lágrimas.

Apropriado citar aquele diálogo atribuído ao escritor Ernest Hemingway:

“- Quem estará nas trincheiras ao seu lado?

- E isso importa?

- Mais do que a própria guerra.”

Estimados leitores, finalizo lembrando a vocês que me arrastei pela calçada imunda da avenida e, portanto, eu estava com as roupas sujas.

Então, quando a minha alma retornou ao meu corpo, telefonei a meu marido e pedi a ele para me levar uma muda de roupas para eu poder fazer a troca.

Ocorre que.... Mas isso é outra história.

“A loira do banheiro do cartório eleitoral”

No Cartório Eleitoral, com a visão já cansada de atender, o Chefe contemplava a aparição, ex nihilo, de um quadro impressionista.

— Acabe logo, dia 8 de maio! Que venha logo o próximo Monet! – pensou.

Aos guichês, dirigiam-se as últimas pessoas eleitoras.

— Não esperemos o alvorecer para um novo “Impressão, nascer do sol”! – riu-se, pândego, o Chefe, ciente de que não nascera para o humor.

Passava da meia-noite, horário que o Sistema ELO ama cair. E caiu! O Chefe aconselhou o seu Monet a aguardar o retorno do Sistema enquanto ele, e parte da equipe, espremeriam, trôpegos, a garrafa de café em busca

da última gota. Enquanto saboreavam os restos mortais do lanche da tarde, o Chefe recordou-se de emoções eleitorais, algumas já vividas em 2024. E era apenas dia 8 de maio, ou melhor, dia 9!

De São Sebastião do Pontal, distrito com dez mil simpáticos habitantes, ao Chefe, veio a lembrança do seu encontro, na ocasião de um PAIOL, com um imitador do cantor Amado Batista, homem de alma carismática, muito respeitado na região. Na oportunidade, o cantor gravou um vídeo em homenagem à família da Justiça Eleitoral: “Eu tive um amor, amor tão bonito...”. A música romântica despertou, no Chefe, outra recordação: uma conversa com um candidato a vereador. Apresentando-se como homem de fé, o piedoso candidato questionou o Chefe se poderia distribuir cestas básicas, no período da campanha eleitoral. A alegação era a de que não haveria alma na igreja por ele frequentada apta para a execução de tarefa tão nobre... Assim, algumas histórias também assustavam o Chefe, como a da aparição da alma penada de uma mulher no corredor em L que dava acesso ao banheiro dos fundos do Cartório.

Contava-se que, no passado, o recinto fora cenário de eventos trágicos. A alma penada teria relação com eles. Sugestivo, o L do corredor remetia a ela. Sim, a ela mesma! A Loira do Banheiro! Infelizmente, ou não, as lembranças

cômicas do início daquele dia de vinte e cinco horas interromperam, de chofre, a recordação detalhada do caso fantasmagórico.

Chegando ao Cartório, o Chefe se dirigiu às pessoas eleitoras, organizadas em fila indiana. Indiana no sentido continental do termo, posto que a fila se perdia nas Índias! Uma dessas pessoas, não a primeira da fila, foi logo pedindo dez senhas que era para distribuir aos “parentes”.

— É que hoje é o último dia, né?

— É. Mas senha só pra quem está na fila e...

Uma segunda pessoa, não a primeira da fila, interrompeu a que havia interrompido para perguntar se a Geometria era obrigatória... Ato contínuo, uma terceira pessoa, não a primeira da fila, interrompeu a que havia interrompido a primeira interruptora para perguntar se esse negócio de biometria doía muito. O Chefe já ia pedir para ela aguardar a vez na fila, mas curioso como todo chefe é, quis logo saber o que estava por trás da indagação:

— Como assim, doer?

— Uai, não vai precisar furar o dedo?!

O Chefe ia sorrir quando foi novamente interrompido de forma abrupta pela notícia do retorno do Sistema ELO. A equipe voou aos guichês.

Terminaram, num átimo, o atendimento dos últimos artistas impressionistas da fila.

O Chefe foi lá fora fazer a última checagem. Não viu nem alma penada, nem perdida! Adentrou o cartório e cerrou as portas sem chaveá-las.

Mal deu três passos, atrás dele, como num lance de mágica, surgira uma figura feminina!

— Vocês ainda estão atendendo?

— Acabei de conferir lá fora, não havia ninguém...

— Vai atender ou não vai?! – perguntou, irritada, a Loira.



"Sou analista judiciário - área judiciária, Chefe de Cartório desde 01.07.2020, quando entrei em exercício na 142ª Zona Eleitoral de Iturama-MG por redistribuição. Gosto de participar de concursos literários, havendo sido premiado em vários concursos nacionais como o Prêmio Barueri de Literatura e o Festipoema de Pindamonhangaba."

Cléber Leandro Nardeli

Cartório da 142ª Zona Eleitoral de Iturama

“O fio da minha vida”

O atendimento para habilitar uma pessoa a votar nas eleições gerais e municipais fez parte da minha vida durante muitos anos. No final da década de 1980, eu comecei a trabalhar em uma zona eleitoral.

Na época, o atendimento era feito num balcão e a pessoa atendida teria que voltar três meses depois para pegar o documento. Lembro de uma menina que atendi, que seria da primeira geração que votaria aos dezesseis anos e, apesar da pouca idade, notei que ela estava no período de gestação.

Passou o tempo, entramos no Século XXI. Em meados da primeira década do terceiro milênio, atendi uma jovem que estava acompanhada da mãe dela. Após o atendimento, a genitora, que parecia um pouco mais velha do que uma mulher balzaquiana, disse que se lembrava de mim. Ela era aquela gestante que eu havia atendido e a filha era a criança que, outrora, aguardava o nascimento. Porém, agora, já não se esperavam os três meses para buscar o título eleitoral. Ele era impresso e a

pessoa já saía com o documento logo após o requerimento.

A modernidade chegou, com ela a Justiça Eleitoral passou a fazer o cadastramento biométrico das pessoas eleitoras. Uma vez, estava sozinho no atendimento, porque os demais atendentes estavam no intervalo de lanche. Naquele instante, surgiram três mulheres de diferentes faixas etárias. Duas delas se lembravam de mim, uma era aquela que apareceu quando eu era jovem servidor, a outra veio quando começaram a aparecer os meus primeiros cabelos brancos e, depois dos meus pelos grisalhos, elas retornaram ao cartório por causa da biometria, trazendo a mais nova, neta de uma e filha da outra, para o alistamento eleitoral.

Por coincidência eu atendi aquelas três mulheres em tempos diferentes.

Senti plenamente, naquelas moiras, o relógio que há no mundo, marcando o tempo, que passa, e não volta mais, pois os ponteiros não andam em marcha ré.



"Nasci na Cidade de Montes - MG em 1965, porém aos 9 anos me mudei para Francisco Sá/MG. Em 1975 mudei para Montes Claros, onde resido atualmente. De 1981 a 1986 almejei ser religioso da Ordem Premonstratense, onde fui seminarista. Em 1987, trabalhei como comerciário. Em junho de 1988 me tornei servidor público municipal de Montes Claros/MG. Em outubro de 1988 fui cedido à 184ª Zona Eleitoral e posteriormente requisitado. Em 2025, aposentei como servidor público municipal requisitado na 184ª. Zona Eleitoral em Montes Claros - MG."

Joaquim Absair Frois
Aposentado

“Golaço da Democracia”

Bem amigos da Rede TRE de Televisão, Rádio e Eleições!

Falamos, ao vivo, de Belo Horizonte, estado de Minas Gerais, neste ensolarado primeiro domingo de outubro, para a transmissão do clássico entre as Zonas eleitorais e o eleitorado da Capital mineira. O jogo é válido pelo 1o turno das Eleições municipais, para que sejam eleitos os vereadores e o prefeito dessa belíssima, progressista e cativante cidade.

Nos bastidores desse evento, em cerimônias públicas e transparentes, Ministério Público, OAB e demais entidades fiscalizadoras atestaram que tudo está dentro das quatro linhas da constituição e tudo conforme as regras claras contidas nas resoluções do TSE.

A torcida presente conta com 874 candidatos a vereadores e com 10 pretendentes ao cargo de prefeito. Todos com broches, bonés e bandeiras de todas as cores e siglas partidárias, com renda total de zero Reais. Isso mesmo: zero Reais. As eleições são gratuitas em todo o país.

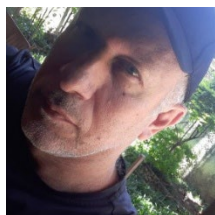
Patrocínio: A cidade de Patrocínio-MG é a maior produtora de café do Brasil, sil, sil!

Tudo pronto, então, para o início da partida: Carga das urnas, lacração e auditoria feitas. Presidente e mesários em suas posições. Urna eletrônica em campo. Os juízes eleitorais olham para o relógio: oito horas. Autorizam o início da votação.

Os locais de votação jogam bem abertos e os eleitores com prioridades avançam em direção à urna, seguidos pelos demais votantes. O eleitorado vem com maior volume de jogo pelos lados do Barreiro e Venda nova: maiores eleitorados da capital, dando trabalho para as 333a e 334ª zonas eleitorais. Trabalho bom, eficiente, seguro e transparente.

As serventias eleitorais vêm trabalhando, no centro, no meio de campo, com as 29a, 30a, 33a e 34a zonas eleitorais. Por uma lateral, estão as 31a, 32a, 38a, 39a, 331a e 334a zonas. Pela outra lateral, as 36a, 37a, 332a e 333a serventias. Na zaga, ali pela zona leste do campo, defendendo, também, a Democracia, estão as 26a, 28a e 35a zonas. Todas unidas sob a coordenação técnica da 27a zona: o Foro Eleitoral.

A votação segue tranquila e sigilosa por todo esse tempo. Alô, técnico de apoio! Confira o tempo de jogo.



"Ingressei na Justiça Eleitoral em 1999, iniciando minha trajetória no cartório da 38ª Zona Eleitoral de Belo Horizonte. Ao longo dos anos, desempenhei funções nas zonas 334ª e 332ª, adquirindo ampla experiência na gestão cartorária. Desde 2018, me tornei chefe de cartório da 28ª Zona Eleitoral de Belo Horizonte."

Juliano dos Reis Corrêa
Cartório da 28ª Zona Eleitoral de Belo Horizonte

- Cáisha, decorridas: cinco horas de votação. Portanto, hora da substituição: saem os técnicos de apoio da manhã e entram os da tarde.

Atenção voltada, novamente, para a votação, que continua a todo vapor e...

Opa! Eu vi. Eu denunciei. Penalidade máxima: Boca de urna não pode.

A Polícia Militar de Minas Gerais, a cem metros dali, foi chamada e resolveu, devidamente, a situação. E a festa da Democracia continua. Tempo regulamentar esgotado: dezessete horas no relógio do Cáisha e no relógio da urna. Vamos para os descontos... Opa! Falta! Falta, ainda, eleitor que está na fila para votar: "Seu nome, seu bairro" e seu gênero?

_ Cleres; Taquaril; transgênero. Vim aqui exercer o meu direito de votar.

É a justiça Eleitoral inclusiva, em respeito à diversidade.

Num oferecimento de e-título: Já fez a sua biometria, eleitor?

O presidente da 62a seção chama o VAR: Vítor Alves Ramos, último eleitor da fila. Ele deixa sua marca no caderno de votação e verifica sua biometria com sucesso. Avança com firmeza e consciência política em direção à urna eletrônica; prepara; aponta; digita e... confirma seu voto.

É gol! É gol! Golaço da Democracia!

Terminam os trabalhos em campo e é verificado um empate: ponto para os eleitores; ponto para as zonas eleitorais. Três pontos para a Democracia. Os juízes eleitorais chamam a JAR: junta apuradora de resultado, que recebe as mídias de votação das seções eleitorais, com os resultados das votações. Aqui, é assim: apuração do resultado transparente, com transmissão ao vivo, fiscalizada e em tempo recorde. Fim do 1o turno.

Totalizados os votos: vereadores eleitos; porém, a decisão de prefeito ficou para o segundo turno das eleições.

Prepare mais uma vez, portanto, o e-título, o título de eleitor e a sua identidade. A gente se vê, novamente, no último domingo de outubro, em mais uma jornada democrática. Até lá!

“O salto do herói para o anonimato”

Era um dia de trabalho. Antes da jornada. Chovia, nem chuvisco, nem pancada. Ocorre que naquele dia o chefe me incumbiu de abrir o cartório pois tinha compromisso, apenas naquele dia, aliás. Ele me cedeu a única chave na véspera. A cidade era uma daquelas de Minas que começa com Ita. Tudo estava nos conformes. Almocei mais cedo, como bom precavido das Gerais. Minha esposa tinha ido de carro à pediatra com nossa filha única de alguns meses. O caminho a pé devia dar uns 5 minutos de um agradável declive. O relógio soava 11:30h e eu abriria o cartório ao meio-dia. Eu já estava pronto.

Deu 11:40h e decidi ir mais cedo. Num primeiro momento, não achei a chave de casa. Procurei mais um pouco e ainda sem sucesso. De repente, um calafrio me tomou: esqueci minha chave de casa dentro do carro, que estava com minha esposa. Ela tinha a dela e não havia outra. Liguei para o celular dela e não atendia. Pânico. Ligo sem parar, nada. A casa onde morava era grande, com vasto terreno em volta, toda murada com concertina em todo o perímetro. Tentei sair pela garagem e o único controle estava dentro do carro, ademais, não tinha como desligar para o manual.

Taquicardia e sudorese. Em uma rápida análise, entrevi uma possibilidade: do final da varanda seguia uma mureta que dava para o muro externo, com concertina portanto, em linha reta. Logo, eu teria que passar sobre a balaustrada da varanda, seguir andando sobre a tal mureta por uns 2 metros e saltar mais alto que a concertina sobre o muro e sair. Ainda assim, não podia pular reto pois havia rachaduras no passeio do lado de fora, onde poderia deslocar o pé na queda. Assim, teria que pular da mureta molhada chovendo em um pulo de 45 graus.

Nunca fui de jogar basquete ou vôlei, nem de praticar saltos. Sou um homem mediano. O pulo era uma medida arriscada.

Continuei ligando para a esposa e patavinas. 11:52h. Desespero e pavor. Nesse momento, não vejo outra saída. Cogito no que poderia acontecer se não abrir o cartório 12h. Algum eleitor podia dar com a porta na cara, ligar para a Secretaria, que acionaria a Corregedoria. Ou então chegar no juiz eleitoral. Daria um PAD, e eu em pleno estágio probatório seria exonerado, com esposa e filha que dependiam de mim, além de perder o cargo que sonhei e lutei. Uma humilhação, enfim. Ou talvez viessem eleitores da zona rural e ficassem esperando, coitados, não mereciam esse tratamento.

Me vi numa encruzilhada daquelas vitais. Ou mortais. 11:56h. Na analogia do senhor e do escravo de Hegel, quem enfrenta a morte e a supera, se torna o mestre, e os que se acovardam serão os escravos. Quem eu queria ser? Um homem ou um saco de batatas? Por último, ainda tinha a filha e eu poderia, em qualquer passo em falso, me dar muito mal. Ou talvez nunca mais jogar futebol, ou manquitolar para todo o sempre. Mas me lembrei que meu chefe faria o mesmo naquela situação, tinha certeza.

Subi na mureta, tremi, respirei. Tinha que ir. 11:58h. Terror gélido e paralisante. Mas fui, saltei com toda a minha força elevando os pés sobre a maldita concertina e a queda demorou muito a vir. Caí no chão, meu peito bateu no joelho e rolei para o lado. Parecia que consegui, dei uns tapinhas no corpo e nas pernas e estava tudo lá ainda. Corri insanamente o declive chapinhando os pés nas poças e ainda ganhei uma carona de um desconhecido. Ao chegar no cartório, este já estava aberto, sem nenhum eleitor dentro. Perguntei à querida requisitada como ela abriu a porta e ela disse que coincidentemente passou de manhã por ali e pegou a chave com a faxineira que lá estava de manhã. Ela sorriu. Eu sorri de volta, molhado e desconcertado.



"Minha trajetória no TRE-MG teve início em 2017 na longínqua e acolhedora Itamarandiba. De lá, toda sorte de vivências vieram me forjar como servidor e como homem razoavelmente maduro. Naquelas terras participei de duas gincanas, popularmente conhecidas como eleições. Também lá, me casei e concebi a minha descendente Catarina, que prefere ser chamada de Cat. Em 2021, removi para a Secretaria na Sedop, o recanto dos psicólogos do TRE, onde tento auxiliar os colegas de tribunal em situações delicadas no trabalho."

Marcelo de Sousa Eloi
SEDOP

“Renata, bonito nome!”

Lá nos idos dos anos dois mil, não me recordo bem o ano, mas ainda vivíamos uma época sem pandemia, sem os atropelos de uma geração cada vez mais digital e, muitos irão lembrar, do título verde em formulário contínuo e impressão do RAE, que eram assinados pelo eleitor.

Nesta época, ainda tínhamos um balcão para atendimento, as pessoas às vezes ficavam no balcão, outras vezes, sentavam no banco para descansar e recuperar o fôlego. Da minha mesa poderia observar e ouvir o que ocorria no atendimento.

Seu Francisco, que Deus o tenha, um servidor muito atencioso e sereno, fazia o atendimento de um casal – uma moça vistosa em seu vestidinho e seu companheiro. Recebeu a documentação e começou a preencher o formulário de RAE, o casal sentou no banco e dali,

respondiam às perguntas de seu Francisco, ora o rapaz respondia, ora a moça respondia.

Finalizando o preenchimento do requerimento, seu Francisco chama o rapaz: - Renato, poderia chegar aqui por favor, vou ler o requerimento para conferir e você pode assinar.

De repente a moça se levanta e se aproxima do balcão.

Seu Francisco olha para ela e logo diz: - Mas eu chamei o Renato!

A moça, sorridente e sem demonstrar nenhuma surpresa, simplesmente diz para seu Francisco: - Mas, eu sou o Renato.

Seu Francisco, em sua serenidade e simpatia, olha a moça nos olhos e vai logo dizendo: - Você poderia mudar seu nome para Renata, é um nome tão bonito!



"Sou técnico judiciário do TRE-MG desde 2006, tendo sido lotado no Cartório Eleitoral da 19ª ZE de Areado. Autuei na chefia do cartório de Areado de 2006 até o corrente ano. Fui removido para o Cartório Eleitoral da 241ª ZE de Sabará, atuando, desde então. O objetivo desta mudança foi para ficar em uma localidade mais próxima de minha cidade natal - Curvelo, possibilitando visitas mais frequentes à matriarca da família Duarte, que já conta com 87 anos."

Moacir Rodrigues Duarte Júnior
Cartório da 241ª ZE de Sabará

“Vestindo a camisa”

Nosso TRE-MG traz um imenso acervo de realizações e conquistas para a consolidação de nossa democracia e isso é reconhecido por todos, com tarefas burocráticas e diversas, assumidas por todos os servidores.

A quantidade de funcionários não era suficiente para atender a todas as tarefas, então era comum as seções ou secretarias solicitarem a ajuda umas às outras, propiciando as bem-vindas horas extras. Isso promovia a interação funcional e a ampliação de nossos conhecimentos.

Esse novo colega e eu nos encontrávamos em vários setores do nosso Tribunal e nos tornamos bons amigos. Num final de tarde, quando eu ia embora, ele apareceu no corredor, entusiasmado e apressado passando por mim e disse eufórico, subindo a escada sem esperar o elevador:

--Olha... Amanhã te conto... vou ser Presidente! ...

Fiquei sem entender nada, até que a colega de setor dele, me informou que ele teria recebido um telefonema da Diretoria, para presidir uma Comissão. E depois me contou, com os olhos brilhando de emoção:

--Ontem fui chamado para formalizar, assumir e me encarregar de uma Comissão, como Presidente! ... Eu, recém-saído do Período Probatório, aqui no nosso Tribunal, Presidente da Comissão de Descarte de Materiais!...

Perguntei como fazer e disseram que “...não se preocupe, mais dois colegas te ajudarão, com a presença de um Juiz....”. Bom demais, “né” !?...

-- Muito bom... Isso é o resultado do seu empenho... Parabéns! ...

Nos encontramos poucas vezes nos dias seguintes e somente uma semana depois pudemos conversar.

-- E aí, tudo bem?... E a Comissão... está dando tudo ok?...

-- É!... Deu tudo certo, e estou vaidoso, por ter conseguido. Já fizemos o trabalho... mas vou te contar:

E me contou: “Minhas preocupações diminuíram e minha autoconfiança cresceu mais quando fiquei sabendo o que teria de fazer. Chegando em casa, não fiz outra coisa a não ser me preparar para o grande momento, contando minha alegria e pedi à minha mãe:

--Mãe, sabe aquela camisa branca que usei na festa da Laurinha?...

Pode arruma-la para mim? Preciso dela, bem passadinha! ... Vou ser presidente de uma Comissão, lá no Tribunal...

— É mesmo, meu filho, que coisa boa!... Tá ficando importante, hein?!... Aquela camisa é muito bonita mesmo...vai bem arrumadinho...

Então, no dia e hora combinados, coloquei a camisa e um casaquinho leve por cima e segui para a importante missão. Eu não sabia que teria de tirar o casaco e arregaçar as mangas, pois os operários da Empresa que disponibilizou o forno para incinerar os materiais não poderiam ajudar.... O Meritíssimo senhor Juiz nos afirmou que “...somente nós, credenciados, podemos manusear esses Bens do Tribunal, para evitar desvios...”.

Aos poucos, íamos levando os materiais, urnas de lona estragadas, partes de móveis quebrados etc. para serem jogados no imenso forno.

Terminada a tarefa, este “presidente” entrou no carro para voltar... com a camisa suja, muito suja! ... Ao entrar em casa:

— Oi, meu filho... deu tudo certo? ... o que é isso? ... sua camisa! ... o que aconteceu? ...

Contei a ela o trabalho que tivemos e falava sobre o grande forno, quando vi uma vela acendida por ela... Olhei para a camisa, e comecei a pensar: “A camisa está somente suja, mas a esperança não se apagou...!”

Deu tudo certo!...”

Ele realmente, orgulhosamente, “vestiu a camisa” do TRE....



"Sou autodidata, breve passagem pela Fac. Direito da UFMG. Ingressei no TRE-MG, lotado na Secretaria Patrimônio, transferi-me depois para o Cartório da 38a. Z. de B.Hte. Voltei à Secr. Patrim./ Almoarifado, onde colaborei com o planejamento e implantação do CENTRO DE APOIO em que me considero pioneiro. Participei ativamente da criação da ASTREMG e incentivo ao início do SITRAEMG. Já aposentado, fui honrosamente agraciado com o primeiro lugar no Concurso de “Causos” do TRE-MG e participei com satisfação e alegria do atual Concurso."

Alayr Paulo Teixeira
Aposentado

“Olha nós aqui outra vez...”

Aproximadamente 36 anos atrás, na cidade de Curvelo, interior de Minas Gerais, parti rumo ao cartório eleitoral com alguns documentos nas mãos, passos largos e o coração acelerado.

O ano era 1989, mais precisamente 25/07/1989.

- Missão do dia: “tirar” o título de eleitor.
- Objetivo: eleger o 1o Presidente da República após a promulgação da Constituição Federal de 1988, pelo voto direto.

Insuflados pelo movimento das Diretas Já, liderado em Minas Gerais, por Tancredo Neves e Ulysses Guimarães, eu e mais de 70 milhões de eleitores participaríamos de um dos eventos mais importantes da nossa história!

Não tinha a menor ideia do peso do meu voto, muito menos do poder daquele cargo distinto e tão almejado por nada menos que 22 candidatos!

E acreditem!!!! Tinha até celebridade da TV: Silvio Santos! Com certeza, o mais conhecido e mais querido de todos!

Moçoila do interior, não tive minha vida afetada por qualquer regime político até aquele momento. Contudo, o crescente movimento pelas eleições diretas, pelo sufrágio universal e redemocratização do país tomou as

ruas, se espalhando do Oiapoque ao Chuí, enchendo de esperança os corações dos brasileiros!

Esperança de um país mais livre, com mais direitos e garantias e menos corrupção, uai!!

Este era o querer de cada pessoa que saiu às ruas do Brasil para protestar e clamar por mudanças. Éramos uma só voz, sem distinção de cor, raça, gênero, classe social ou religião.

Desde então, muita coisa aconteceu... Elegemos 6 presidentes pelo voto direto e inúmeras pessoas ocuparam os diversos cargos eletivos. Algumas pessoas distintas, com bons propósitos, e outras... nem tanto!

... E olha nós aqui outra vez!

O ano é 2025, momento de celebrar os 80 anos da reinstalação da Justiça Eleitoral, e aquela menina que só queria tirar o título de eleitor, agora, servidora da Justiça Eleitoral, faz parte mais uma vez desse processo tão importante para a manutenção das conquistas de outrora.

Somos mais de 212 milhões de brasileiros, rompendo com o analfabetismo político e resgatando os princípios do bem comum acima dos interesses particulares, de classes, grupos, corporações, há muito tempo esquecidos.



"Vivianny Kerin Lopes, 53 anos, natural de Guanhães-MG, pedagoga pela UFJF, pós-graduada em Gestão Pública pela UEMG; servidora do TRE-MG há 20 anos, lotada na cidade de Boa Esperança-MG. Sempre participo dos concursos e projetos do TRE, pois valorizam os servidores, dando oportunidades de mostrar seus talentos."

Vivianny Kerin Lopes
Cartório da 43ª ZE de Boa Esperança

“Memórias do Referendo 2005”

Em 2005 a Justiça Eleitoral realizou o referendo acerca do desarmamento no Brasil. No dia 03 de outubro daquele ano chegamos

no TRE bem cedo, como fazemos em todos os dias de eleição na Seção de Urnas Eletrônicas. O processo de votação iniciou às 08:00 horas.

Era esperado que tudo ocorresse dentro da maior normalidade. Locais de votação sem brigas, eleitores tranquilos, mais uma vez estávamos vivendo um belo momento na nossa jovem democracia.

Por volta das 08:30 horas, a nossa central de atendimento recebeu uma ligação da cidade Anônima. Os colegas do cartório estavam muito apreensivos pois alguns eleitores estavam reclamando que seus nomes não constavam na urna eletrônica.

Bem, depois de tantos anos trabalhando com as urnas eletrônicas e todo o processo de preparação das mesmas, não tínhamos dúvidas de que se tratava de algum erro material. Certamente o mesário estava digitando o número errado do título do eleitor. Assim, orientamos os colegas do cartório nesse sentido. Que pedissem atenção dos mesários ao digitar os números dos títulos no terminal do mesário. Nem deu tempo nossa equipe tomar um cafezinho e o cartório ligou novamente.

A quantidade de eleitores reclamando só aumentava. Eleitores de várias seções. Os eleitores constavam no caderno de votação mas não estavam na urna eletrônica.

Nesse momento os técnicos da Seção de Urnas e Seção de Sistemas Eleitorais começaram a se debruçar no problema. O que de fato poderia está ocorrendo? Gerou muita preocupação pois a gente nunca tinha vivenciado algo desse nível. Muito estranho o fato de o problema estar ocorrendo somente em uma cidade.

O Sistema GEDAI-UE, usado para gerar as mídias para as urnas eletrônicas, importa os arquivos de eleitores de duas maneiras: direito do banco de dados do TSE, via

rede, ou importa localmente, a partir de uma mídia ou de arquivo armazenado no próprio computador.

A conclusão dos nossos técnicos foi a seguinte: no momento em que o cartório fez a importação de dados de eleitores, ao invés de marcar FTP (buscar os dados do banco de dados do TSE) marcou local. Aí o sistema pegou um arquivo de eleitores do ano anterior, 2004, que estava no microcomputador. Em 2004 tivemos eleições municipais.

Entre 2004 e 2005 o cadastro de eleitores teve alterações. Assim, os eleitores que entraram nesse período não estavam na urna uma vez que houve a importação dos dados de 2004.

Questão técnica identificada, restou a tomada de decisão acerca do que fazer com esses eleitores que estavam no caderno de votação e não estavam na urna eletrônica. Importante ressaltar que esses eleitores estavam no caderno de votação pois estes são impressos a partir de dados do TSE, que estavam atualizados.

Orientamos o cartório a instalar urnas de lona em todas as seções onde havia eleitores que estavam no caderno de votação mas não estavam na urna. E assim foi feito. Esses eleitores votaram na urna de lona.

O TRE enviou duas servidoras da STI para apoiar o cartório eleitoral no processo de totalização do Referendo. O Diretor-Geral conseguiu um helicóptero para levar as servidoras. Durante a apuração do referendo naquele município foi utilizado o Sistema de Apuração (antigo Voto Cantado); o procedimento foi adotado em todas as seções com votação mista – parte em cédula e parte na urna eletrônica.

Ao final, todos os Boletins de Urnas foram transmitidos e totalizados; não houve nenhum prejuízo para os eleitores.

Os colegas do TSE, responsáveis pelo desenvolvimento dos sistemas eleitorais, se desculparam pelo ocorrido. Afinal, o GEDAI-UE não poderia aceitar um arquivo de eleitores de outro ano.



"Iniciei no TRE em 1994, na STI. Ao longo de 3 décadas a essência do meu trabalho foi com a urna eletrônica. Alguns colegas me chamam carinhosamente de “Manoel das Urnas”. Durante o período em que estive na STI participei de vários grupos de trabalho a convite do TSE. Foi uma experiência muito legal. Também participei de muitas rotas para o interior de Minas para dar apoio aos colegas dos cartórios. Atuei como instrutor, conteudista e tutor em vários cursos de sistemas eleitorais, urna eletrônica e segurança do voto eletrônico. Em 2023 fui trabalhar na Secretaria de Eleições, na Seção de Registro de Candidaturas, onde estou até hoje."

Manoel Pereira Vargens
SEL

“O “RAE” sujou?”

Em um dia chuvoso, com muitos raios e trovões, pois era época de chuvas, precisamos desligar os computadores, para evitar danos aos equipamentos. Como não havia eleitores aguardando atendimento, começamos a jogar conversa fora falando de coisas triviais e também do tempo ruim.

A certa altura da conversa, um colega contou que no dia anterior, ele, em casa, entrou no banheiro para tomar um banho, mas antes, tirou as roupas e foi fazer suas necessidades fisiológicas, se é que me entendem.

No momento em que ele se sentou no vaso, um raio entrou pela janela e atingiu o chuveiro, clareando todo ambiente e fazendo um barulho estrondoso. Na mesma hora, ele deu um salto e se encolheu todo num canto da parede. Ele, que era um negro de mais ou menos 1,80 m de altura, disse que até perdeu a cor com o susto e que ficou tremendo da cabeça aos pés.

Todos nós caímos na gargalhada imaginando a cena.

No dia seguinte, quando o chefe do cartório, que não estava presente no dia anterior, chegou, uma colega foi contar a história para ele. Entre muitos risos, ela perguntou:

- Chefe, já te contaram a história do fulano? (Optei por não citar o nome real). Ele estava no banheiro fazendo suas necessidades e, quando um raio caiu, até perdeu a cor.

Ao que o chefe imediatamente retrucou:

- E o RAE sujou? Mas gente, pra que ele levou o RAE para o banheiro?

Diante dessas perguntas, todo o Cartório explodiu em gargalhadas. O coitado do chefe, sem saber o que realmente tinha se passado, só ficava olhando pra gente. Demoramos um bom tempo, rindo, até conseguirmos contar a verdadeira história e explicar que era raio e não RAE.



"Entre no TRE-MG 2005, lotada na 46ª ZE de Bom Sucesso/MG onde permaneci por até 2007. Alterei minha lotação para a 288ª ZE

de Ibirité/MG, através de remoção. Em 2010, foi criada em Ibirité a 351ª ZE, para onde mudaram minha lotação provisoriamente, assumi a chefia, sendo a única servidora. Tenho muita gratidão pelos servidores da 288ª ZE, que me auxiliaram em todo o tempo. Em 2014, retornei para minha lotação de origem, a 288ª ZE, onde permaneço até hoje. Fiquei na chefia desta ZE durante o ano de 2018. Já participei algumas vezes da força tarefa do ônibus TRE Aqui e foram experiências maravilhosas. Por aqui já passaram tantas pessoas, entre requisitados e cedidos, foram tantas boas amizades, e por haver um ótimo ambiente de trabalho e uma união muito grande entre as equipes das duas zonas. Hoje sou formada em Design de Interiores, estou

cursando pós em Direito Eleitoral."

Rita de Cássia Aparecida Nery Costa
Cartório da 288ª ZE de Ibirité

“Causos cômicos”

Em alguns anos de atuação na Justiça Eleitoral, ocorreram muitas situações hilárias, relacionadas aos eleitores e demais envolvidos.

Certa vez, estava no Gabinete de um Juiz, cheio de processos para assinatura do Meritíssimo. Muitas vezes, eles atendiam-nos em plena audiência, como já sabíamos as normas de abrir os processos na página a ser assinada, assim estava sendo procedido.

O magistrado, interrogando um casal lá presente, pessoas bem humildes e o assunto era sobre pensão alimentícia. O interrogado, presenciando a formalidade do Defensor ali presente, Excelência, Meritíssimo, querendo manifestar-se, interpelou e disse: “Majestade, com licença da palavra”.

O magistrado lançou aquele olhar por cima dos óculos, conteve-se e permaneceu em silêncio.

Antigamente os títulos cancelados passavam por um processo de restabelecimento de inscrição. Desta forma, uma eleitora chegou ao guichê de atendimento e disse: “eu quero ressuscitar meu título”.

Quando começaram as rotinas relacionadas à biometria em municípios do interior, um eleitor perguntou se teria que ficar em jejum para realizar o procedimento.

Recentemente com a nova versão do sistema ELO, perguntas feitas ao eleitor, qual é a sua cor?

A resposta foi “pálido”, referindo-se a pardo.

São relatos de algumas situações no dia a dia dos cartórios eleitorais.



“Sou servidor requisitado da SEPLAG-MG desde novembro 1999. Já estive em diversas ZZEE auxiliando trabalhos eleitorais durante esses anos. Trabalhei por 20 anos na 33ª ZE/BH, me transferi para a 334ª ZE/BH e atualmente estou na 35ª ZE/BH.”

Fábio José Pangrácio
Cartório da 35ª ZE de Belo Horizonte

“Pra quem você tiraria o chapéu?”

Era janeiro de 2018, não me recordo exatamente o dia, mas estávamos quase finalizando a Revisão Biométrica dos seis municípios pertencentes às zonas eleitorais de Uberaba: Água Comprida, Campo Florido, Conquista, Delta, Veríssimo e Uberaba.

Eram aproximadamente 70 guichês de atendimento e muitos(as) estagiários(as) e eleitores(as). A coordenação da Central de Atendimento ao Eleitor era dividida entre os Cartórios por meio de rodízio.

Certo dia, um rapaz muito bem-apessoado compareceu para fazer a sua revisão. Quando o atendente disse que precisaria tirar o boné para a foto, o moço disse que não tiraria, que ficaria sem foto, que na propaganda não falava nada de foto. E a confusão se armou. O eleitor pediu para falar com “o chefe”, com quem mandava. Então o estagiário o encaminhou para falar com a Karol, da 276ª ZE. Ela pacientemente tentava explicar que ele precisava tirar a foto e não poderia ser de boné. Ele exigiu falar com “o superior” dela que, já sem argumentos, pediu ao estagiário que levasse o eleitor até a Thelma.

O rapaz repetiu o que havia dito no atendimento, que não tiraria o boné e que não havia sido publicada tal exigência. Eu expliquei que não era possível divulgar todos os dados, que não era permitido tirar a foto com o boné, etc e tal. Ele insistia que ficaria sem foto no Cadastro. Eu argumentei que ficaria horrível um X no lugar do rosto dele.

Já sem argumentos, perguntei: Me desculpe, mas você é um rapaz bonito, por que se recusa a tirar a fotografia? Nesse momento, ele tirou o boné e me disse indignado: olha como está o meu cabelo, eu estou com esse boné desde as 6 horas da manhã. Respondi então que eu tinha a solução.

Peguei um pente na minha bolsa e pedi que ele fosse ao banheiro molhar o cabelo e penteá-lo. Passados 5 minutos ele volta todo feliz me mostrando o resultado. Sinceramente eu achei que ele estava mais bonito com o cabelo desalinhado mas disse simplesmente: olha, ficou lindo!!!! Ele desceu para a Central de Atendimento e terminou de fazer a revisão.



"Ingressei no TRE-MG em 1996 e, desde então, construí uma trajetória marcada por orgulho e dedicação. Atuei por 15 anos em Araxá, onde consolidei vínculos profissionais e experiências que enriqueceram minha carreira. Em 2011, passei a integrar a 326ª Zona Eleitoral de Uberaba, onde permaneço até hoje. No ano seguinte, aceitei o desafio de colaborar em Viçosa, contribuindo para a organização das eleições em seis municípios da região e fortalecendo a Justiça Eleitoral. Também fiz parte do Grupo dos Nove, fórum criado pelo TRE para reunir servidores da capital e do interior com o objetivo de propor melhorias para a instituição, algumas delas encaminhadas inclusive ao TSE. Minha caminhada no Tribunal é marcada por entusiasmo, respeito e quase três décadas de dedicação à missão institucional da Justiça Eleitoral."

Thelma Luzia do Prado
Cartório da 326ª ZE de Uberaba

“NOS BASTIDORES DA FUMAÇA”

29.06.2005, 16h50min, na antessala da DG, 13o andar, Prudente, 100.

- Uai! Que cheiro esquisito é esse aqui, Peter?! - Sei não, Homme. Fogueira de São João à luz do dia!? A turma do churrasco comemorando a vitória parcial do Brasil sobre Los Hermanos (3 a 1)? - Hum... Vou olhar da janela (diz um curioso e apreensivo Homme). Rapaz, donde tá vino esse trem (perguntou, esfregando a fuligem entre os dedos)? - É, tá vino de cima, óia lá procê vê (apontava eu para os ares, mirando a fumaça que pairava sobre os arredores do nosso imponente prédio). - Vou ver da outra sala (sai desembestado o Homme, que, atendendo ao pedido da Secretária Sonyssima, adentra o salão privativo do DG, onde se assistia à partida da Seleção na linda TV tela plana, marca Sony). Permaneci na antessala.

Estiquei bastante o pescoço, olhando, através da janela, para o lado esquerdo, quando me deparei com aquela fumaceira escura, uma chaminé gigante, esbaforindo vapor e cinza, lá em cima, na torre de vigia, sala de máquinas, caixa d'água, sei lá!. - Corre, Driano, vem vê, vem vê!!! (disse eu, assustado!) - Quê que é isso??!! Ai, meu Deus do Céu! Tem fogo ali (respondeu, atarantado)! Doctor Levim-Dô sai de seu Gabinete, calmamente, ordenando: - As muiê pode descê! Vão logo, vão logo, pela escada! Pensei comigo: “Bem, eu não sou mulher!!!” Sonyssima e outra colega guardavam nos armários tudo o que podiam, e desativavam os computadores clicando em “INICIAR, DESLIGAR”, enquanto eu bradava: - Vão embora, meninas! Ceis'tão doidas? Olha o fogo chegando, vai lambê armário, papel, computadô, thuuuudo! - O Homme do Gelo, velozmente ao celular (tijolão, à época), providenciava o socorro junto a seus asseclas: - Alô, alô! O quê? Não, tá 4 a 1 pra nós! Tamos dando um banho neles! Mas não é disso que quero falar, presta atenção, meu filho! O prédio tá pegando fogo! Aqui, em cima, na cacha d'água! Manda gente coasmanguêra, que eu já tô acionando os bombêro! Vai, vai! Atormentado das idéia, tentava eu convencê o Dotô! Segurei-o pela manga do paletó. Depois, vi-me puxando-o pela gravata! - Simbora, moço! Nós vamos fritá aqui! - NÃO, PETER! CEIS TUDO PODE IR... SEREI O DERRADEIRO A DESCER! O COMANDANTE É

O ÚLTIMO A ABANDONAR O NAVIO, NÃO LEMBRA?! - Data maxima venia, Dotô! Tô pulano fora! Bye!

Passei a mão na minha pasta de executivo e no meu paletó e casquei no cerrado, deixando a mesa do verdadeiro Peter-100 toda bagunçada, processo revirado, armário aberto! No 11o andar, Joanilda (minha ex-chefe), cuidadosamente guardava o que podia nos armários; Mary-Rô-zário desativava o Windows (CLIQUE INICIAR, DESLIGAR), e eu observando de perto, enquanto Joanésia me cobrava: - Ajuda, rapaz! Vai ficar parado aê?

Meio a contragosto, peguei uma ruma de processo e enfiei de quarquê jeito no armário, protestando: - O fogo vai lambê tudo! Pra que guardá, pra que guardá?!

Também confesso que fiquei preocupadíssimo com o MEMORIAL DA DG(diplomas internacionais, a recentíssima Ordem do Mérito concedida à Equipe que atuou na Guiné-Bissau, ainda guardada a sete chaves na gaveta do Capitão, comendas, fotos dos ilustres ex-diretores-gerais afixadas na parede, incluindo as do próprio ocupante, um cofre... e muito, muito mais!

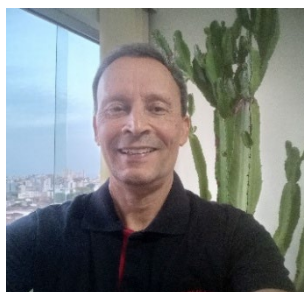
Por fim, todos se viram seguros e salvos lá fora. Os bombeiros, embora, por lapso, tenham dado uma rápida passadinha no endereço da antiga sede (Prudente, 320), chegaram ao local em poucos minutos (parabéns!), a tempo de conter o potencial avanço das chamas.

Mas, a mim, ainda se impunha uma última obrigação: Vinte minutos depois, voltei ao prédio 100 para inquirir sobre o estado de saúde do Comandante. Vi eLE VINDO, ele mesmo, O Dotô, que, sereno e triunfante, ajeitava paletó e gravata.

- Bem, muito bem, meu caro Peter. Após o sufoco lá em cima, bem, bem!

Pensei cá cumigo: “Ele mais o Homme do Gelo bem que podiam ter comandado tudo daqui de baixo! Vai gostar de emoção, assim, lá longe!”

Por fim, obrigado, Senhor Jesus, pelo livramento. A gente brinca, mas a coisa foi séria!



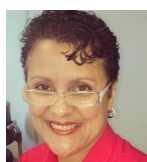
Sebastião Márcio Pereira
SAUDP

"Ingressei no TRE-MG, com lotação na Secretaria de Informática, hoje STI, onde trabalhei na área de digitação de FAE/FASE e justificativas eleitorais. Na mesma Secretaria, em 1996, participei do lançamento da urna eletrônica (UE) e, nos anos seguintes, até 2000, como chefe de seção, atuei nos procedimentos relacionados à UE. Em 2000 até os dias de hoje, passei a fazer parte da equipe da seção de controle de processos de pessoal, SAUDP, que integrava a antiga Coordenadoria de Controle Interno, hoje Coordenadoria de Auditoria Interna (CAU). Tive orgulho de participar de uma força-tarefa que, a cada quatro anos, desde os seus primórdios, para o exame das contas eleitorais apresentadas pelos candidatos aos diversos cargos disponíveis nas eleições gerais."

Comissão julgadora do concurso de causos



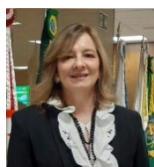
Rogério Bernardes de Faria Tavares é formado em Comunicação Social/Habilitação Jornalismo pela UFMG e especialista em Marketing e Comunicação Corporativa pela Escola do Legislativo de Minas Gerais/Faculdade Santo Agostinho. Foi assessor parlamentar/comunicação na Assembleia Legislativa de Minas Gerais (1988/1989). Editor de Economia da sucursal da Tribuna de Minas em Belo Horizonte (1991/1992). No TRE-MG desde 1989, foi titular da área de Comunicação Social do TRE-MG de 1992 até 2020 (exceto entre 1995/1996), tendo sido o responsável pelo projeto de criação da unidade. Assessor Chefe de Comunicação Social do TSE (1995/1996). Chefe da Seção de Gestão de Processos Organizacionais da Coordenadoria de Gestão Estratégica (2020/2022). Coordenador de Governança e Gestão da Secretaria de Governança e Gestão Estratégica (agosto /2022 a setembro/23). Assessor de Apoio à Governança e à Gestão de Processos e Riscos da Secretaria de Governança e Gestão Estratégica (desde setembro/23). Autor de crônicas e artigos publicados em obras de natureza coletiva - os mais recentes publicados na obra "Crônicas da Quarentena" (2020), coletânea da Página Editoras, organizada por Leida Reis.



Ericka Mantuano Braga, conhecida como Manduca, é formada em Letras pela PUC-MG. Exerce o magistério em Língua Portuguesa há mais de 30 anos, ofício que muito a realiza como pessoa. Servidora efetiva do TRE desde 1986, está atualmente lotada na Seção de Administração Predial. Trabalhou na Seção de Redação e Revisão de 1994 a 2002, onde fazia revisões gramaticais das notas taquigráficas das sessões da Corte eleitoral. Escreveu para o Jornal Mural do TRE, na seção Dicas de Português. É especialista em Língua Portuguesa, Compreensão, Produção e Revisão de Textos e em Português Jurídico. Ministrou três cursos de Português para os colegas-servidores da Casa, oportunidade em que pôde ajudá-los em suas dificuldades relativas ao idioma-padrão. É amante de livros, filmes e de um bom jogo de buraco!



Victor Hugo Vieira Moura é bibliotecário com mestrado em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Ingressou no TRE-MG em 2007, lotado, inicialmente na Secretaria de Comunicação Social, onde trabalhou até 2011. De 2011 a 2014, exerceu suas funções na Assessoria de Cerimonial e Memória Eleitoral. Atualmente, trabalha na Seção de Biblioteca, Informação e Padronização, atuando na gestão do acervo bibliográfico e no atendimento de pesquisas relacionadas a resultados de eleições. Leitor voraz, apaixonado por Literatura, em especial as obras russas e francesas. Estação de trabalho repleta de objetos e referências ao personagem Dom Quixote de La Mancha, o Cavaleiro da Triste Figura.



Annelise Barbosa Duarte Viana, é natural de Belém do Pará. É bacharel em Direito pelo Centro de Estudos Superiores do Estado do Pará e graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal do Pará. Ingressou como servidora pública no Tribunal Regional Eleitoral do Pará onde prestou serviço durante seis anos. Desde 1989 integra o quadro de servidores do Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais. Trabalhou em cartório eleitoral e na Secretaria do Tribunal, sempre na área jurídica. Em 2021 passou a integrar a Assessoria de Imprensa. Tem como hobbies a leitura, o artesanato e o vôlei.



José D'Amico Bauab, analista Judiciário do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo. Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), mestre em Direito Civil pela USP, membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, membro do Conselho de Orientação Artística da Rede de Casas-Museus Literários de São Paulo da Secretaria de Estado da Cultura, gestor responsável pelo Centro de Memória Eleitoral do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo (CEMEL-TRE/SP), com certificação nos 1º e 2º Núcleos de Estudo em História e Memória da Escola Paulista da Magistratura. Vencedor do I Concurso Nacional de Monografias do Supremo Tribunal Federal com o trabalho "A toga no Catete", (2008). Organizador das obras "Paulistânia Eleitoral – Ensaio, Memórias e Imagens" (2011) e "Voto é Memória – a imagem da democracia brasileira em São Paulo" (2019). Produtor executivo do documentário "Operários do Voto – Memórias de um lugar" (2015). Roteirista do documentário "Ana Maria Scartezini – Mulher, Mãe, Magistrada" (2024).

Ficha técnica

TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DE MINAS GERAIS

Presidente: Desembargador Júlio César Lorens

Vice-Presidente e Corregedor: Desembargador Carlos Henrique Perpétuo Braga

Diretora-Geral: Cassiana Lopes Viana

Coordenador de Gestão da Informação: Adriano Denardi Júnior

Chefe da Seção de Memória Eleitoral: Eliane Andrade Braga Ivo

Comissão julgadora – fotos

Marcella da Silva Lima (coordenadora) – Gabinete da Corregedoria Regional Eleitoral

Fernando Luís Quintino Duarte Carneiro – Seção de Artes Gráficas (Secretaria de Gestão de Serviços)

Mariana Ribeiro Cançado – Assessoria Jurídica da Presidência

Allan Robson Rodrigues – 246ª Zona Eleitoral de Santa Luzia

Moacir Ricoy – Museu da Imagem e do Som/Belo Horizonte

Comissão julgadora – causos

Rogério Bernardes de Faria Tavares (coordenador) – Assessoria de Apoio à Governança Institucional (Secretaria de Governança e Gestão Estratégica)

Éricka Mantuano Braga – Seção de Administração Predial (Secretaria de Gestão de Serviços)

Victor Hugo Vieira Moura – Seção de Biblioteca, Informação e Padronização (Coordenadoria de Gestão da Informação/Diretoria-Geral)

Annelise Barbosa Duarte Viana – Assessoria de Imprensa (Secretaria de Comunicação Social)

José D'Amico Bauab – Gestor do Centro de Memória Eleitoral do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo

Comissão organizadora

Eliane Andrade Braga Ivo – Seção de Memória Eleitoral (Coordenadoria de Gestão da Informação/Diretoria-Geral)

Maria Berenice Rosa Vieira Sobral – Seção de Memória Eleitoral (Coordenadoria de Gestão da Informação/Diretoria-Geral)

Soraya Ferreira Bernardes e Oliveira – Seção de Memória Eleitoral (Coordenadoria de Gestão da Informação/Diretoria-Geral)

Maria da Glória Araújo – Secretaria de Gestão de Pessoas

Ana Márcia Passarini – Secretaria de Governança e Gestão Estratégica

Colaboração especial

Marcelo Oliveira Lemos – Seção de Memória Eleitoral (Coordenadoria de Gestão da Informação/Diretoria-Geral)

Projeto gráfico

Seção de Criação

Coordenadoria de Mídias e Web

Secretaria de Comunicação Social

Impressão

Seção de Artes Gráficas
Coordenadoria de Serviços Gerais
Secretaria de Gestão de Serviços

Realização:



Apoio:





Memória da
Justiça Eleitoral
de Minas Gerais



TRE-MG